

ORALIDADE E PRODUÇÃO DE TEXTOS NA ESCOLA: CONTOS DE FADAS NOS ANOS INICIAIS

José Ricardo Carvalho (UFS)
ricardocarvalho.ufs@hotmail.com

RESUMO

Tradicionalmente, a oralidade é desvalorizada no processo de ensino de produção de texto na escola, pois é enfatizado a observação de elementos constitutivos da cultura escrita. Desta maneira, o ensino fundamental privilegia a aprendizagem do código escrito e o domínio de regras relacionadas à norma padrão para apropriação dos textos que circulam socialmente. Este fato representa um impasse para o ensino da língua materna, visto que proposta de produção textual deveria considerar reflexões em três âmbitos: a) o contexto de interação em que ocorre o gênero, buscando a compreensão do contrato entre os interlocutores e a sua função; b) a relativa regularidade dos enunciados que compõem o gênero em discussão c) os recursos linguísticos que promovem efeitos de sentidos e textualização. As compreensões destas três atividades ajudam no desenvolvimento de competências para produzir e interagir com textos dos mais variados gêneros. Apresentamos neste trabalho, então, contribuições do discurso oral para o desenvolvimento da reescrita de contos de fadas nas séries iniciais.

Palavras-chave: Oralidade. Produção de textos. Contos de fadas. Ensino de redação.

Propomos neste trabalho uma discussão inicial sobre as atividades de leitura que alimentam e fornecem repertório para recontar e reescrever o gênero conto de fadas. Tal atividade faz parte de ações desenvolvidas no Projeto “Processos de Retextualização dos Contos de Fadas nas Séries Iniciais” (PIBIC/2011) com a finalidade de compreender estratégias de produção textual que explorem os aspectos discursivos dos contos de fadas em sala de aula. Os contos maravilhosos, por serem oriundos da tradição oral, são dotados de linguagem e conteúdo próximo da realidade infantil. Por meio de uma linguagem simbólica, eles promovem uma forte identificação das crianças com as tramas que expressam alternativas mágicas para resolução de problemas difíceis encontrados na existência humana.

Neste contexto, percebemos que a força da cultura oral, presente na primeira fase escolar, pode ser um ponto de partida para a compreensão da produção de textos no ensino fundamental. Sendo assim, a seleção de textos da cultura oral e a sua dinamização pode ser um elo desencadeador de reflexão sobre a forma composicional, estilo de uso da linguagem nos diversos gêneros textuais trabalhados no ensino fundamental. Por conta deste fato, elegemos como objeto de estudo as interações com as narrativas de tradição popular, mais especificamente os contos de fadas, no ensino fundamental. Investigamos a leitura e a produção de textos (oral e escrito) do gênero contos de fadas no seu processo interacional a fim de verificar com as crianças vão se apropriando dos conhecimentos que envolvem a produção discursiva deste gênero. Para tanto, torna-se necessário, reconhecemos o contexto em que surgiram este gênero e as personagens que os constitui. Segundo Fernandes (2003), a figura central deste gênero é a fada que, em seus primórdios, é encontrada na mitologia grega, nos contos celtas e na cultura cristã.

A fada emerge de um mundo pagão e está intimamente ligada à natureza. Alguns povos consideravam-na mensageira que, tomando forma de um pássaro, percorria longas distâncias realizando magias. Afrodite, deusa da beleza, do amor e da fertilidade nasceu das espumas do mar. Foi levada pelos ventos para a ilha de Cífera e mais tarde Creta, onde as Horas enfeitavam e vestiam e a transportavam para a morada dos deuses. (FERNANDES, 2003, p. 36)

A ideologia cristã imprimiu novos atributos às fadas, associado à imagem da mulher de espírito puro, sem atributos sexuais como os da deusa Afrodite. A fada sob uma ótica cristã se opõe às divindades mitológicas que carregavam a ambiguidade do bem e do mal, como o caso das Moiras, responsáveis pelo fio da vida e o destino dos mortais. Tais seres, ao mesmo tempo em que ofereciam dons para os seres mortais, poderiam provocar desgraça e infortúnio.

As fadas, na sociedade cristã, expressam uma visão maniqueísta, onde só existem no mundo pessoas totalmente boas ou más. As fadas aparecem nos contos para reparar um mal produzido por um vilão, fornecendo ao protagonista uma solução mágica para os obstáculos e problemas enfrentados. São ressaltados os valores de resignação, humildade e bondade como fonte merecedora das dádivas recebidas por estas figuras divinas. Desta forma, as fadas se opõem ao universo das bruxas e das feiticeiras, retratando um universo imaginário que, em muitos momentos, retomam aspectos da cultura pagã. A consolidação deste imaginário nas narrativas da cultura oral, em diferentes épocas da história, faz-se

presente em todo o mundo ocidental e nas narrativas mais tradicionais como “A bela adormecida”, “A gata borralheira”, “Rapunzel” entre outros contos. Observa-se, também, que em muitas histórias caracterizada como conto de fadas não aparece esta personagem para determinar o destino dos personagens, restando apenas o encantamento que promove a transformação de um personagem, como é caso do “Rei Sapó”. Há implicitamente, nesta história a presença de um encantamento feito por uma bruxa ou uma fada, contudo o desencanto é desfeito com o beijo de uma princesa.

Do ponto de vista ideológico, os contos de fadas imprimem valores individualistas na maioria das narrativas. O personagem central procura sempre soluções individuais para seus problemas, não observando os problemas da coletividade que o circunda. O predomínio do sentimentalismo e a crença no poder de uma autoridade (pai, mãe, rei, marido) são apresentados como inquestionáveis. A desobediência à instância de poder representa punição que só poderá ser perdoada através do arrependimento e/ou ajuda de um ser fantástico.

Na maioria destas histórias de tradição oral, a questão da sexualidade é colocada de maneira subliminar, projetando experiências que condizem com a ideologia da pureza feminina do ponto de vista sexual. Isto é, do ponto de vista moral, a mulher só deve se entregar a um homem depois de consumado o matrimônio. Desta forma, a mensagem implícita revela que prazeres sensuais devem ser adiados, propondo, assim, uma aversão ao sexo antes do casamento. Para defender essa ideologia da sexofobia, os contos usam de uma série de símbolos que atuam no universo imaginário dos indivíduos. Para Chauí (1984) a repressão sexual se institui desde a tenra idade, pela via simbólica, quando se analisa as ações que constituem *A gata borralheira*.

Gata Borralheira vai ao baile (primeiros jogos amorosos, como a dança dos insetos), mas não pode ficar até o fim (a relação sexual) sob pena de perder os encantamentos antes da hora. Deve retornar à casa, deixando o príncipe doente (de desejo), e com o par de sapatinhos momentaneamente desfeito, ficando com um deles, que conserva *escondido sob as roupas*. Borralheira e o príncipe devem aguardar que os emissários do rei-pai a encontrem, calce os sapatos, completando o *par*. Sapatos que são presente de uma mulher boa e poderosa (fada) e que pertencem apenas à heroína, de nada adiantando os truques das filhas da madrasta (*cortar* artelhos, calcanhar) para deles se apossarem. As filhas da madrasta querem *sangrar* antes da hora e, sobretudo querem *sangrar* com o que não lhes pertence, de direito (relação sexual ilícita, repressivamente punida pelo conto). (CHAUÍ, 1984, p. 38)

Se por um lado, os contos apontam para uma ideologia sexofóbica, por outro ajuda a resolver os conflitos da existência. De acordo com Betheheim apresenta diferentes funções no da formação do indivíduo.

Para dominar os problemas psicológicos do crescimento – superar decepções narcisistas, dilemas edípicos, rivalidades fraternas, ser capaz de abandonar dependências infantis; obter um sentimento de individualidade e de autovalorização, e um sentido de obrigação moral - a criança necessita entender o que está se passando dentro de seu eu inconsciente. *Ela pode atingir essa compreensão, e com isto a habilidade de lidar com as coisas, não através da compreensão racional da natureza e conteúdo de seu inconsciente, mas familiarizando-se com ele através de devaneios prolongados - ruminando, reorganizando e fantasiando sobre elementos adequados da estória em resposta a pressões inconscientes.* Com isto, a criança adéqua o conteúdo inconsciente às fantasias conscientes, o que a capacita a lidar com este conteúdo. É aqui que os contos de fadas têm um valor inigualável, conquanto oferecem novas dimensões à imaginação da criança que ela não poderia descobrir verdadeiramente por si só. Ainda mais importante: a forma e estrutura dos contos de fadas sugerem imagens à criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida. (BETHEHEIM, 1980, p. 16)

Pelas indicações apresentadas sobre os contos de fadas, percebemos a importância de se trabalhá-los em sua dimensão simbólica a fim de explorar as múltiplas possibilidades de diálogo com os alunos do ensino fundamental. Acrescenta-se que estas narrativas possuem características regulares que motivam o desenvolvimento a compreensão do funcionamento da linguagem oral e escrita e as habilidades envolvidas em cada modalidade. Hampâté Bâ sintetiza que estes contos de tradição popular atuam sobre diferentes níveis de interação.

No primeiro nível, ele é puramente recreativo, e seu objetivo é divertir e distrair crianças e adultos. (...) Num outro nível, o conto é um suporte de ensinamento para iniciação às regras morais, sociais e tradicionais da sociedade, na medida em que revela um comportamento ideal de um ser humano no seio da família ou da comunidade. Enfim, o conto é dito iniciático na medida em que ilustra as atitudes a imitar ou a rejeitar, as armadilhas a discernir e as etapas a vencer quando se está engajado no difícil caminho da conquista e da realização de si mesmo. (HAMPÂTÉ BÂ *apud* MATOS, 2005, p. 18/19).

Como vemos, os contos de tradição popular são narrativas que assumem diferentes funções nas relações sociais, cumprindo o papel de compartilhar experiências reais e simbólicas. Além disso, estes contos alimentam reflexões de âmbito estrutural que ajudam a compreender a tipologia de textos narrativos. A realização deste tipo de atividade é organizada por uma estrutura narrativa de fácil assimilação, pois é regulada por uma sequência de ações que sofre pequenas variações, mantendo

certa regularidade do ponto de vista da exposição dos acontecimentos.

1. *exposição*: (ou *introdução* ou apresentação) coincide geralmente com o começo da história, no qual são apresentados os fatos iniciais, os personagens, às vezes o tempo e o espaço. Enfim, é a parte na qual se situa o leitor diante da história que irá ler.
2. *complicação*: (ou *desenvolvimento*) é a parte do enredo na qual se desenvolve o conflito (ou os conflitos) – na verdade pode haver mais de um conflito numa narrativa.
3. *clímax* é o momento culminante da história, isto quer dizer que é o momento de maior tensão, no qual o conflito chega a seu ponto máximo. O clímax é o ponto de referência para as outras partes do enredo, que existem em função dele.
4. *desfecho*: (*desenlace* ou *conclusão*) é a solução dos conflitos, boa ou má, vale dizer configurando-se num final feliz ou não. Há muitos tipos de desfecho: surpreendente, feliz, trágico, cômico etc. (GANCHO, 2004)

O esquema que acabamos de mostrar corresponde a maioria das narrativas. No gênero contos de fadas esta forma composicional orienta cognitivamente o leitor e ajuda o aluno, que se encontra na fase inicial de produção de textos, a compor suas histórias. Por meio desta elaboração discursiva, é possível identificar transformações da personagem central de um estado para outro. Ao final da narrativa, ocorre a sanção do vilão e a recompensa do herói, demonstrando que o bem sempre vence. A internalização desta estrutura que ocorre de forma intuitiva, por meio das práticas orais passa a ser ressaltada a fim de ajudar os alunos a comporem textos com esta estrutura.

O reconto dos contos maravilhosos corresponde a um desafio para a Educação Básica em todos os seus segmentos, pois evidencia a reelaboração de um conjunto de ações vividas pelos personagens em determinado espaço e tempo, sendo dotado de coesão e coerência em sua esfera enunciativa. A compreensão do funcionamento das sequências textuais que constitui este gênero, bem como a sua dimensão simbólica é de extrema importância para que haja uma boa condução nas atividades de interpretação e proposta de produção textual. Os contos de fadas, dentro da tipologia dos textos narrativos, projetam elementos mágicos no enredo para promover fantasia e imaginação os distinguindo de outros gêneros textuais. Em sua elaboração é necessário estabelecer ações verossí-

milhantes com o plano da vida real para, então, criar um universo imaginário que seduza o convecção o outro dos acontecimentos no plano da enunciação ficcional.

1. Os contos de fadas e a oralidade na Educação Infantil

O reconto oral começa na Educação Infantil, quando as crianças, antes mesmo de dominarem os rudimentos do código verbal escrito, já são capazes de formularem discursos, atualizando os elementos linguísticos e factuais que ouvem para recompor gêneros textuais com os quais interagem. Observamos que na rotina da educação infantil é impressa a vivacidade de contar e recontar histórias em rodas de leitura. Por meio da conversa informal, os alunos compartilham experiências, tanto no momento da hora novidade, como na vivência de jogos dramáticos e o reconto oral de histórias ouvidas pelo professor.

Diremos que as crianças, em contato social com narrativas orais, internalizam, intuitivamente, a estrutura destes textos, fornecendo, elementos para a expansão de suas competências linguístico-discursivas. Por meio da modalidade oral, as crianças de 3 a 6 anos são capazes de recontar histórias ouvidas, dramatizar, mudar o final de uma história, entre outras atividades. Apresentamos a seguir o trecho de um reconto oral do “Rei Sapo” dos Irmãos Grimm realizado no CMEI-Recife (Centro de Educação Infantil) por alunos de 5 e 6 anos. A atividade foi extraída da tese de doutorado de Araujo (2009).

(Rei sapo. 1º recontar) Emanuelle diz: “Era uma vez...”. A narradora aguarda um pouco. Joyce fala: “Uma linda princesa...”. Após um tempinho, a menina continua: “Chamada Raiz...”. A narradora diz: “O nome dela era Raiz?!”. Emanuelle ri. A narradora exclama: “Que nome bonito você deu pra princesa!”. Emanuelle e Rafael falam ao mesmo tempo, mas a voz da menina se sobrepõe: “Ela morava num castelo...”. O menino diz: “Ela tava fazendo isso [Faz o gesto de jogar uma bola para cima com uma mão e pegar com a outra] e a bolinha caiu...”. Emanuelle completa: “Dentro do poço...”. Joyce afirma: “O sapo pegou...”. Pouco depois, Emanuelle diz: “Aí, deu pra ela...”. Rafael fala: “Aí, ela correu e...”. Emanuelle e Joyce falam ao mesmo tempo. A primeira diz: “Aí, o sapo disse...”. A fala da segunda se sobrepõe: “Aí, o sapo bateu na porta... Depois entrou... Era o sapo, que depois dormiu na cama dela... Que nojo! Depois ele... [Faz um ar de suspiro] Virou um príncipe...”. Emanuelle fala: “Aí, depois pegou o sapo e meteu... [Faz o gesto de arremesso] E... Bateu com ele na parede...”. Joyce afirma: “E morreu... E virou um príncipe...”. Emanuelle diz: “Mentira! Que mentira! Ele nem morreu... Virou um príncipe...”. Emanuelle ri. A narradora ri também. Joyce fala: “Felizes para sempre... foi simhora pro castelo...”. (ARAÚJO, 2009, p. 105/106)

No fragmento da transcrição gravada que acabamos de ter contato, é possível identificar a mediação da professora para a realização do reconto oral da história “Rei Sapo”. Por meio de perguntas e comentários a professora ajuda na condução da composição do gênero conto de fadas. Os alunos tentam seguir a sequência de fatos ocorridos na história, suprimindo algumas informações importantes para compreensão da narrativa como um todo, mas mantém o fio da narrativa. Percebe-se que a professora auxilia os alunos no reconto com silêncio e comentários, fazendo com que os alunos reconstruam a sequência da narrativa, enfatizando os personagens, o conflito e o desfecho da história (“O nome dela era Raiz?!”) (...) “Que nome bonito você deu pra princesa!”). Observa-se que os alunos já dominam uma série de conhecimentos sobre a estrutura dos contos de fada e acrescentam um nome para princesa que não havia no texto-base. Do ponto de vista dos elementos presentes no conto de fadas, eles ressaltam o ápice da história que foi o sapo jogado na parede e a metamorfose do sapo em príncipe. Os alunos destacam o elemento mágico da narrativa que decorre do beijo da princesa no sapo. Além disso, repetem o tradicional enunciado “e foram felizes para sempre” para encerrar o enredo da narrativa. Se retirarmos da gravação os momentos de intervenção da professora, bem como comentários dos alunos para recontar o “Rei Sapo”, veremos que seu produto linguístico pode ser transcrito da seguinte forma:

Era uma vez... uma linda princesa... chamada Raiz....ela morava num castelo...ela tava fazendo isso [Faz o gesto de jogar uma bola para cima com uma mão e pegar com a outra] e a bolinha caiu...dentro do poço... o sapo pegou...aí, deu pra ela... aí, ela correu e... aí, o sapo disse...aí, o sapo bateu na porta... depois entrou... era o sapo, que depois dormiu na cama dela... depois ele... virou um príncipe...aí, depois pegou o sapo e meteu... e... bateu com ele na parede...e morreu... e virou um príncipe...mentira que mentira... ele nem morreu... virou um príncipe...felizes para sempre... foi simhora pro castelo...

Os alunos rememoram boa parte do conteúdo proposicional da narrativa, utilizando recursos verbais e corporais para recontar a história. Para narrar que a princesa jogava bola no jardim do palácio, as crianças consideram que os gestos eram suficientes para descrever o fato, não explicitando de forma verbal esta informação. A explicitação dos referentes que se encontram na narrativa, por meio de expressões linguísticas, não é vista como uma atividade essencial para narrar história. Isto acontece porque os alunos consideram que todos já conhecem os personagens e as circunstâncias onde ocorrem os fatos, portanto a sua explicitação nos enunciados torna-se desnecessária. Estes elementos demonstram as-

pectos interacionais ligados ao gênero do conto de fadas em um sua dimensão oral, onde os sujeitos compartilham de informações no momento da interação. Estas competências orais envolvidas no ato de narrar uma história podem, de certa forma, serem incorporadas nas estratégias pedagógicas para narrar uma história no discurso escrito.

2. Resultados e discussão

Os estudos realizados, até o presente momento, forneceram base para reafirmar a importância de se valorizar a cultura oral como princípio de desenvolvimento da produção de texto na escola. Consideramos que as atividades de leitura e reconto das narrativas desenvolvidas na escola revelam traços orais, tais como repetições, pausas, complementaridade das informações por meio de gestos etc. Estes são objetos de reflexão para compreender a dinâmica de funcionamento discursivo no processamento escrito de crianças que se encontram na fase inicial de domínio da produção do texto escrito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Ana Nery Barbosa de. *A narrativa oral literária na educação infantil: quem conta um conto aumenta um ponto*. Tese de doutorado, Universidade Federal de Pernambuco. CE. Educação, 2009.

BAKTHIN, Michail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1980.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais de língua portuguesa – 1ª a 4ª série*. Brasília, MEC/SEF, 1997.

CHAUÍ, Marilena. *Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo*. 4. ed. rev. São Paulo: Ática, 1991

FERNANDES, Dirce Lorimie. *A literatura infantil*. São Paulo: Loyola,

2003.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 2004.

GRIMM, J. e W. *Os contos de Grimm*. Trad. Tatiana Belinky. São Paulo: Paulinas, 1989.

FRANZ, Marie Louise Von. *O feminino nos contos de fadas*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

MATOS, Gislayne Avelar. *A palavra do contador de histórias*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.